

VASCONCELOS, Gisele. **A vida por um fio: conexões entre o tecer e o narrar.** São Paulo: ECA/USP. Professora do curso de Licenciatura em Teatro; UFMA. Doutorado (em andamento); ECA/USP; orientador: Felisberto Sabino da Costa. Bolsista FAPEMA. Atriz contadora.

RESUMO

Este trabalho consiste na demonstração do experimento cênico do espetáculo As Três Fiandeiras, em processo de montagem pelo Grupo Petite Mort e Xama Teatro (MA), cujo procedimento criativo é um componente da pesquisa de doutorado Ator contador: a narrativa em performance. A Vida por um fio traz, sob a ótica do feminino em diálogo com a metáfora da roda que nunca para de girar, a atriz contadora que tece a sua personagem, a rendeira Chica, com narrativas de vida e de morte, de renda e de mar. No palco, na casa e na praia, a vida da atriz e da rendeira se entrelaçam, na costura do canto e da fala, no ambiente real e ficcional, com ênfase na performance do ator contador e suas experiências sensório-corpóreas, através da conversação direta com a plateia e do revezamento entre pessoa e personagem.

Palavras – Chave: Ator contador; Narração; Dramaturgia.

SUMMARY

This work is about the demonstration of the experiment scenic presentation of "The Three Spinners" in the assembly process by Petite Mort and Xama Theater (MA), whose creative procedure is a component of the research of doctoral Actor Teller: a narrative performance. "Life by a thread" brings the perspective of women in dialogue with the metaphor of the wheel that never stops turning. The actress, the story teller, The Rendeira Chica (Chica that embroiders) sews her character with narratives of life and death, embroidery and sea. On the stage, in the house and at the beach, the life of the actress and the rendeira (the Embroider) intertwine, in sewing and speech, in the real and fictional environment, with emphasis on the Actor Teller's performance and his/her sensory-body experiences, through direct conversation with the audience and the alternation between the Person and the Character.

Keywords: Accountant Actor; narration; dramaturgy

“Uma peça que a gente faz demora uma vida inteira! Mas a gente vai levando a vida, com Graça de Deus!” (Nascimento, 2014)

A vida por um fio é um experimento cênico do espetáculo As Três Fiandeiras, em processo de montagem pelos grupos Xama Teatro e Petite Mort (São Luís, MA), iniciado em agosto de 2012. No formato de solo teatral, A vida por um fio, tem duração de 15 a 20 min., nela apresento-me como atriz contadora que, no papel da rendeira Chica, narra histórias de renda e de fio. O

texto é uma colagem de diversos momentos extraídos da obra original, *As Três Fiandeiras*.

As Três Fiandeiras, surgiu a partir do ofício do tecer e narrar, do ofício do fio e da cena e dos desafios de permanência e resistência nos tempos atuais. A ideia de conexão entre o narrar e o tecer remete inicialmente ao trabalho artesanal aliado as narrativas do cotidiano. Essa conexão traz a aliança entre tempo, memória e narrativa. Na escolha do meio artesão – comunidade de pescadores e de rendeiras de bilro, localizada no município da Raposa, MA – a narrativa imprime a marca dos seus narradores e mergulha a coisa na vida, como nos diz Benjamin (1996, p.205). É nessa organização social comunitária, centrada no artesanato, que a narrativa floresce nas mãos das rendeiras que fiam rendas enquanto vão fiando suas próprias vidas.

O trabalho e a vida cotidiana se fundem, pois é nas suas próprias casas que as rendeiras reservam os espaços para o seu comércio, é ali, na parte da frente de seu domicílio, de seu espaço de proteção, que organizam suas lojas, é ali onde tecem, expõem e vendem os seus produtos, suas rendas.

A renda de bilro, cujos saberes da produção tem sua história tecida dentro do espaço familiar, também é denominada de renda de almofada, para tecer os fios é necessário: técnica artesanal, linhas, uma almofada cilíndrica de estopa recheada de folha de bananeira, bobinas feitas de tucum com haste de madeira e espinhos de mandacaru para picar os moldes no papelão.

As rendeiras de bilro, da Raposa, MA, são, em grande parte, mulheres de pescadores e aprenderam o ofício no seio da família, cujos saberes, herdados de rendeiras cearenses migradas para o Maranhão, foram transmitidos de geração a geração. A arte de tecer as linhas no dançar dos bilros e nos encaixes dos espinhos de mandacarus e, principalmente, essa mulher que tece os fios, que espera o marido e o filho pescador e que se desdobra para dar conta dos afazeres domésticos, da criação dos filhos e da produção artesanal, exerceu forte fascínio e curiosidade por parte da equipe de criação do espetáculo *As Três Fiandeiras* e se tornou material narrativo para a sua dramaturgia.

A tradição, o costume, o cotidiano e o trabalho das rendeiras foram tomados como argumentos para a obra teatral, que também traz para a discussão o próprio fazer teatral, com seus desafios de gestão, criação e manutenção de espetáculos e grupos. O contraste entre o fazer teatral e a história pessoal das atrizes vai sendo costurada com as narrativas das personagens rendeiras, num misto de realidade, mito e ficção.

A obra teatral *As Três Fiandeiras* é focada na ótica do feminino, em diálogo com os ciclos da vida e da morte, do trabalho e da tradição, da confecção da renda e da construção da cena, faz a roda girar em torno do desafio de três atrizes em transformar um espetáculo, que foi um fiasco de bilheteria, em uma nova produção, num curto espaço de tempo. Nesse interim elas se deparam com problemas financeiros e pessoais e narram histórias, as suas e as das rendeiras de bilro, numa mistura de cena e renda.

No plano da ficção as três atrizes, narram a busca épica do filho da rendeira Chica, pescador perdido no mar. Ribamar, o filho, está desaparecido há três dias e na expectativa de encontrá-lo, a rendeira Chica se lança no mar juntamente com as rendeiras Das Dores e Zezé, e daí iniciam uma jornada que inclui uma experiência mítica e extraordinária, que envolve criaturas lendárias e mitológicas.

A cena A vida por um fio, um solo teatral organizado enquanto um experimento criativo do espetáculo As Três Fiandeiras, apresenta uma costura de trechos da obra integral, escrita e dirigida por Igor Nascimento, cujo elenco é originalmente composto por três atrizes, Renata Figueiredo, Gisele Vasconcelos e Rosa Ewerton. Em A vida por um fio, há apenas uma personagem, a rendeira Chica, em variados momentos: na conversa íntima com a plateia, na sua casa, onde fala de filhos e marido; na espera do filho desaparecido e no devaneio com o mar, na beira do cais; na recepção da trágica notícia da morte do filho, na loja e na conversa íntima com a plateia depois da perda, na sala.

A cena principia com canto e com verso na voz da atriz que recepciona o público: Boa noite, boa noite, ô senhora, ô iá, iá. / Foi agora que eu cheguei, ô senhora, ô iá, iá / Vou chegando e vou cantando, ô senhora, ô iá, iá / Se é do seu gosto eu não sei, ô senhora, ô iá, iá. E nessa combinação rítmica a atriz prossegue no jogo direto com a plateia até o momento da despedida: Vou me embora, vou me embora, ô senhora, ô iá, iá / eu já disse que já vou, ô senhora, ô ia iã/ A Chica tá me esperando, ô senhora, ô iá, iá / o teatro começou.

Do verso para prosa, prosa no sentido de prosear, de jogar conversa fora, a personagem Chica, rendeira, abre uma conversa sem compromisso com a plateia e fala de filhos e marido:

CHICA. Se eu tenho filhos? Sete! Janderlei, Jandaeldison, Jandailson, Jandaerson... Janderson... Janderlei Ejadice... Tem Janderlago e, pra terminar, tem o Ribamar... Cada um desses meninos se enrabichou por rabo de saia e se tacaram no mundo, exceto Ribamar, que tem só 15 anos... O pai do Janderlei, do Jandaeldison, Jandailson, Jandaerson, Janderlei Ejadice e do Janderlago já morreu... O pai do Ribamar, uma mulher levou! Homem é que nem bicicleta, se desgrudar o olho vem uma outra e sai pedalando... O Ribamar, meu filho mais novo, desde pequeno, cisma em ir pescar em alto mar. Eu nunca deixei! Por que se pescasse ia ser pescador e pescador não pode ver um rabo de saia que larga tudo de mão! Outro dia encontrei o pai dele. O coitado me pediu para voltar, que eu era o amor da vida dele. Só aceitei por que queria que Ribamar tirasse da cabeça essa ideia de mar... Ribamar embarcou mesmo assim, faz dois dias... Eu fico aqui, olhando pro mar... Que o santo cuide do meu menino... Ribamar? Ribamar me ajuda aqui na loja. Ele não gosta de jeito nenhum. Vai na marra...Até hoje fico pensando que se Fuginaldo estivesse aqui Ribamar não tinha ido pescar. Mas ele foi, é teimoso que só uma mula, esse menino! (Nascimento, 2014)

Nesse diálogo íntimo com a plateia, instaurado no ambiente casa, a personagem Chica proseia enquanto varre fotografias, em pedaços que estão espalhadas pelo chão. Essas fotografias trazem imagens reais de pescadores

que desapareceram no mar, elas estão rasgadas, em pedaços, assim como o coração da Chica, e de tantos outros que tiveram seus entes queridos perdidos no mar. Chica proseia enquanto varre as fotografias, até o instante em que encontra a do seu filho, Ribamar.

Do ambiente casa, Chica se desloca para a beira do cais, e num solilóquio devaneia sobre a metáfora do mar, personificando-o na forma de mulher evoca o inesperado, o inexplicável e a crueldade. O mar que abarca todo um imaginário funda o sonho e desloca o discurso para o poético e para as metáforas do mar cruel, que como nos diz Bachelard, p. 178, são bem mais numerosas que as metáforas do mar feliz e bondoso.

No aguardo do retorno do filho Ribamar, a rendeira devaneia:

CHICA. Todo dia olho para beira do cais. Aqui é mar para tudo quanto é canto... Nessas águas tem tanta coisa..... É cada onda enorme que bate nas pedras, só vendo... Cada mãozada de água que chega tirando o cimento da beirada... É outro mundo! Para lá tinha uma praia. Era uma barriga de areia no meio do braço do mar. Era lindo, parecia um rio. Agora Não tem mais terra. É tudo um pano de água sacudindo com vento... Só vendo... No fundo eu acho que o mar é mulher, viu? De repente é calma, de repente é braba. Por nada chora, por nada ri. Por vezes é cruel. Hora é carinhosa Para saber como ela está, basta olhar as pontas das ondas que quebram. É a beirada de sua saia. Cheia de babado de renda branca. Conforme ela roda, as pontas das ondas vão tomando forma. Vão acariciando a praia ou vão esmurrando o cais. É outro mundo.. O mar está brabo hoje... E Ribamar que não dá notícia... (Nascimento, 2014)

Da beira do cais para o trabalho na loja, Chica recebe uma visita - uma pessoa do público é tomada como tal - mais do que uma amiga rendeira, a visitante é uma mensageira, e no diálogo sobre trabalho, renda e vida, a notícia sobre a morte do filho Ribamar interrompe o fluxo da conversa e abre o espaço para o desespero da perda, e na mistura de desespero e de solidão, a rendeira Chica vai se recompondo diante da fé e da televisão, acende uma vela no altar de Iemanjá e liga o aparelho eletrônico. Diante da imagem chuviscada da TV, a personagem Chica abre um diálogo com a plateia, desta vez numa conversa mais íntima, sensível e amadurecida, trazendo as marcas de toda uma vida por um fio - no sentido de filho, na língua coloquial, pois, como diz Mia Couto (pg) “ninguém pede mais atenção de uma mãe que um filho morto”.

CHICA. Quando tinha quinze anos engravidei. Fui ser mãe, ainda menina. Sendo mãe, me obrigaram a ser mulher. Meu pai me mandou sair de casa. Juntei-me com o homem que me embuchou. Veio o segundo filho, o terceiro, o quarto, o quinto, a televisão, o sexto e aí acabou... Sabe? Não tive tempo para ser mulher mesmo, daquelas que se pintam. Nunca tive cabeça para maquiagem, embora achasse muito bonito. Sempre tive essa mesma cara. Nada ia mudar. Não sou como as mulheres da televisão. Ninguém nunca me deu um real para ser bonita. Na novela tudo é tão lindo. Fico olhando esses casais novinhos que passam aqui pela porta. Penso, comigo, amor é coisa de TV. Ver é bom, viver é difícil”. “Por isso que não gosto de final de novela. Tudo é assim: fácil. Eu fico indignada. Se a vida fosse assim: simples como apertar um botão. A realidade é outra. É o nosso canal. Chuviscado, barulhento, chiando. Para ficar bom, só mexendo muito a antena, batendo na bandida, levando choque e, às vezes, quando a imagem está bem clara, você percebe que aquele não é o canal certo e só

não muda por vai dar muito trabalho sintonizar tudo de novo. Por isso, se a TV está na sala, o melhor é ver a vida dos outros, não é? Se, pelo menos tivessem um final decente... Quer dizer, todos os finais de novela são decentes. O da gente é que não é! Pobre Rosa da novela das nove. Depois que o filho morreu foi perdendo a vontade de viver. Era o único. Ser mãe tem dessas coisas. A gente vive pelos filhos. Se um se vai, não resta nada. Eu já perdi um também, sei como é que é. Mas ela, quando chora, é mais bonita. Essa atriz que faz ela é ótima, maravilhosa... (Nascimento, 2014)

Assim como na obra ficcional impressa na dramaturgia de *As Três Fiandeiras*, a morte também chegou de súbito interrompendo o fluxo da vida de duas das atrizes do espetáculo - eu perdi minha mãe e a Renata Figueiredo, o irmão. Diante do desafio de encarar a morte como uma etapa da vida e a vida como uma passagem, nunca nos debruçamos tanto com esse tema como nesse processo de criação do espetáculo. Pois, como escreveu diante desse infortúnio, o nosso diretor e dramaturgo Igor Nascimento: "A vida que seguia por um fio, foi, finalmente, interrompida pela tesoura da moira. Sobrou o luto, só isso? Claro que não. Podemos seguramente entender o luto como o masculino de luta." E foi no impulso desse grito - Levante-se! que a consciência da morte trouxe um despertar para a vida, para esta vida que está sempre por um fio.

E como a arte e vida se misturam, deixo um relato para finalizar esse escrito sobre a demonstração de *A Vida por um Fio*, a partir de uma ressonância de um encontro que ocorreu na apresentação da cena, na Casa d'arte, município da Raposa, MA, em novembro de 2014. Nesse encontro, um pescador, após a apreciação da cena, me diz: - o nome da minha mãe é Chica. E eu, de imediato pergunto: - quantos filhos ela teve? Ele responde: - sete! - Não me diz que ela também perdeu um filho pescador? – Sim e o nome dele era Ribamar! (...) - Tudo isso que você fez aí, é a Raposa! Me disse o pescador.

Eu ainda não sei onde essa peça vai dar, mais acredito na força da união entre narrar e tecer e entre arte e vida. Nessa alquímica experiência de transformar uma coisa em outra coisa, tecendo o fio pra a fazer a renda e a vida pra fazer a cena.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996.

NASCIMENTO, Igor. *As Três Fiandeiras: a vida por um fio*. São Luís, 2014. (texto teatral não publicado)

RICOUER, Paul. *Tempo e Narração (Tomo III)*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.